

Maira Siena Tomazelli

**VILA-ESCOLA PROJETO DE GENTE: A “EMERGÊNCIA” DE
UMA ESCOLA LIBERTÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Licenciatura
submetido ao Curso de Ciências
Sociais da Universidade Federal de
Santa Catarina para a obtenção do
Licenciado em Ciências Sociais.

Orientadora:

Florianópolis
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Tomazelli, Maira Siena

VILA-ESCOLA PROJETO DE GENTE: : A ?EMERGÊNCIA? DE UMA
ESCOLA LIBERTÁRIA / Maira Siena Tomazelli ; orientadora,
Janice Tirelli Ponte de Souza - Florianópolis, SC, 2013.
55 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas. Graduação em Ciências Sociais.

Inclui referências

1. Ciências Sociais. 2. educação libertária. 3. educação
tradicional. 4. pedagogia. 5. escola. I. Souza, Janice
Tirelli Ponte de. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

Maira Siena Tomazelli

**VILA-ESCOLA PROJETO DE GENTE: A “EMERGÊNCIA” DE
UMA ESCOLA LIBERTÁRIA**

Este artigo foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciado em Ciências Sociais e aprovado em sua forma final pelo curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, Setembro de 2013.

Prof. Tiago Bahia Losso.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Janice Tirelli Ponte de Souza
Orientadora

Prof. Dr. Giuliano Saneh

Prof. Dr. Valcionir Corrêa

RESUMO

Este artigo descreve e analisa o projeto de educação baseado nos princípios da pedagogia libertária e democrática chamado “Vila Escola Projeto de Gente” que acontece na vila de Cumuruxatiba distrito do município de Prado, Bahia. Além da caracterização dessa iniciativa, também se procura estabelecer algumas diferenças e relações existentes entre a Vila Escola e a educação tradicional. Este documento é o resultado das indagações e reflexões que surgiram a partir da experiência da autora no estágio-docência ao longo de 2011, na Escola Leonor de Barros no bairro Itacurubi, na cidade de Florianópolis, Santa Catarina e como professora da “Vila Escola Projeto de Gente” em 2012 e 2013.

Palavras-chave: Educação Libertaria; Educação tradicional. Escola; Pedagogia; Cumuruxatiba Prado Bahia.

RESUMEN

Este artículo describe y analiza el proyecto de educación basado en los principios de la pedagogía libertaria y democrática llamado “Vila Escola Projeto de Gente” desarrollado en la villa de Cumuruxatiba distrito del municipio de Prado, estado de Bahía. Además de la caracterización de esa iniciativa, también se busca establecer algunas diferencias y relaciones entre la Vila Escola y la educación tradicional. Este documento es el resultado de las indagaciones y reflexiones que surgieron de la experiencia de la autora durante su práctica docente realizada a lo largo del 2011, en la Escuela “Leonor de Barros” en el barrio Itacurubi, de la ciudad de Florianópolis, estado de Santa Catarina y como profesora de la “Vila Escola Projeto de Gente” en los años de 2012 y 2013.

Palabras clave: Educación; Libertaria; Educación tradicional; Escuela, Pedagogía; Cumuruxatiba.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização de Cumuruxatiba	15
Figura 2 - Mapa das Unidades de Conservação do Sul da Bahia	18
Figura 3 - Mapa das Aldeias Pataxó próximas a Cumuruxatiba	19
Figura 4 - Placa da Vila Escola Projeto de Gente	20
Figura 5 - Crianças da vila Escola.....	33
Figura 6 - Aprendendo e conhecendo na vila Escola	35
Figura 7 - Conhecimento para além das portas da Vila Escola	37
Figura 8 - Crianças da Vila Escola jogando Capoeira com Curumim tocando.....	42
Figura 9 - Aula de Flauta.....	45
Figura 10 - Cultura e arte Pataxó.....	46

LISTA DE FIGURAS

Quadro 1 - Quadro Comparativo.....	34
Quadro 2 – Síntese analítica.....	51

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
1.1. CUMURUXATIBA.....	15
1.2. A VILA ESCOLA PROJETO DE GENTE	20
1.3. ESTRUTURA DO TRABALHO.....	21
2. EDUCAÇÃO TRADICIONAL E EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA	23
2.1 A EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA: CONCEITUALIZAÇÃO E HISTÓRICO.....	26
3. A VILA-ESCOLA PROJETO DE GENTE	33
3.1 CONHECIMENTO.....	34
3.2 PODER	38
3.3 GESTÃO.....	47
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

1. INTRODUÇÃO

Este artigo descreve e analisa o projeto de educação baseado nos princípios da pedagogia libertária e democrática chamado “Vila Escola Projeto de Gente” que acontece na vila de Cumuruxatiba distrito do município de Prado, Bahia. Além da caracterização dessa iniciativa, também se procura estabelecer algumas diferenças e relações existentes entre a Vila Escola e a educação tradicional.

Este documento nasce de algumas indagações e reflexões que surgiram a partir da experiência da autora no estágio-docência ao longo de 2011, na Escola Leonor de Barros no bairro Itacurubi, na cidade de Florianópolis, Santa Catarina e como professora da “Vila Escola Projeto de Gente” em 2012 e 2013. Essas duas experiências possibilitaram conhecer de maneira detalhada duas propostas de educação diferentes e incentivaram uma reflexão em relação aos processos de ensino-aprendizagem na sociedade atual.

A seguir apresenta-se o contexto sócio geográfico em que se desenvolve a Vila Escola, posteriormente descreve-se, de forma geral, o que é e como surgiu o Projeto de Gente e a estrutura de apresentação deste documento.

1.1. CUMURUXATIBA

Cumuruxatiba é um distrito do município de Prado de aproximadamente 5000 habitantes predominantemente de origem indígena (Pataxó) e afrodescendente. Está localizado no extremo sul do estado da Bahia (FIGURA 1) a 242 km da cidade de Porto Seguro e a 40 km de Prado.

Figura 1 - Localização de Cumuruxatiba



Fonte: Site <http://bahia.com.br/> (Acessado em 12 de outubro de 2013)

A vila está localizada na “Região dos Abrolhos” área costeira e marinha reconhecida como a de maior biodiversidade do Atlântico Sul que abriga a maior extensão de arrecifes de coral do Brasil e uma grande variedade de outros organismos marinhos como Moluscos e crustáceos. Esta zona foi declarada Parque Nacional Marinho em 1983 com uma extensão de 882 km² e definida como “Reserva da biosfera” em 2002.

A área marinha mais próxima a Cumuruxatiba foi declarada Reserva Extrativista (RESEX) Marinha de Corumbau no ano de 2000 com uma área aproximada de 90.000 ha. numa extensão de cerca de 65 km de costa. (ver Figura 2) Reserva criada como resultado da mobilização das comunidades tradicionais de pescadores artesanais. A RESEX tem como objetivo proteger os meios de vida e a cultura da população extrativista tradicional da área e garantir a exploração autossustentável e a conservação de seus recursos naturais¹.

Dentro da RESEX existem bancos pesqueiros onde se explora camarão, peixe e outras espécies que sustentam e beneficiam 650 famílias de diversas localidades tanto da vila como de outras aldeias e comunidades da zona. Algumas dessas famílias pertencem a comunidades indígenas, pois na região há uma importante presença da etnia Pataxó que conta com diversas aldeias espalhadas entre o município de Prado e de Porto Seguro, todas elas próximas a Cumuruxatiba (ver Figura 3).

Toda esta região é também a principal área de reprodução da baleia Jubarte (*Megapteranovaengliae*) espécie que entre julho e outubro estimula o turismo em Cumuruxatiba e em toda a região considerada pelo Estado da Bahia como o destino turístico “Costa das Baleias”. Mas o turismo na vila também é estimulado durante o verão. A riqueza marinha e os atrativos naturais como praias, baías, enseadas, falésias, manguezais e rios estimulam a chegada de visitantes assim como o crescimento da infraestrutura turística na cidadezinha (restaurantes, pousadas, bares etc).

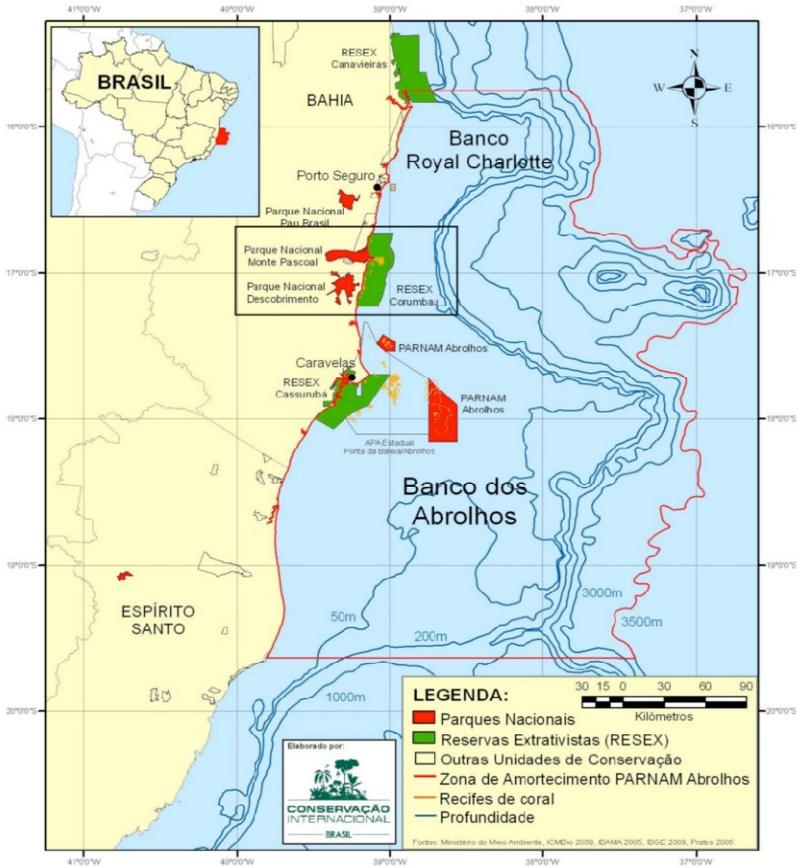
O auge turístico trouxe na vila uma crescente população estrangeira (de fora do município, do estado da Bahia ou de fora do país). Esta população é a que controla a infraestrutura turística e que mobiliza a maior quantidade do capital econômico da vila no verão e na

¹ Informação do site da Instituto “Fundação Chico Mendes” (Disponível <http://www.icmbio.gov.br/portal/o-que-fazemos/populacoes-tradicionais/producao-e-uso-sustentavel/uso-sustentavel-em-ucs/4088-reserva-extrativista-marinha-de-corumbau.html> Consultado em 18 de outubro de 2013)

temporada de baleias. Dessa maneira atualmente as formas de produção consuetudinárias das famílias locais, principalmente a extração marinha, misturam e sobrepõem-se às novas formas de produção ligadas ao turismo.

Essas condições socioambientais fazem de Cumuruxatiba um local privilegiado para qualquer tipo de experiência educativa. A sobreposição de diversas formas de controle e conservação ambiental, o crescimento turístico e a diversidade populacional (indígenas, afrodescendentes, pessoas locais ou estrangeiras que vinculadas ao comércio ou o turismo e os turistas) geram diversos tipos de conflitos, pressões e questões centrais no processo educativo como: racismo, controle territorial, uso sustentável dos recursos, diversidade étnica etc.

Figura 2 - Mapa das Unidades de Conservação do Sul da Bahia



Fonte: Conservação Internacional Brasil²
Destacou-se a RESEX de Corumbau

² <http://www.conservacao.org/onde/ecossistemas/index.php?id=204> (Consultada em 18 de outubro de 2013).

1.2. A VILA ESCOLA PROJETO DE GENTE

A ideia da Vila-Escola nasceu em 2002, no Rio de Janeiro, onde um grupo de amigos médicos que discutiam sobre a relação entre a saúde, doença e o sistema social e estavam preocupados com a busca de estratégias para que os indivíduos fossem mais saudáveis, no sentido físico, emocional e psíquico. Dessa discussão surgiu um projeto que centrava o interesse nos jovens e crianças e nos processos educativos, fatores que foram considerados por eles como estratégicos para tornar sujeitos mais “saudáveis”. Esse grupo de amigos formou uma associação que em 2007 começou a realizar algumas atividades pedagógicas em Cumuruxatiba, com o nome de Projeto de Gente.

Figura 4 - Placa da Vila Escola Projeto de Gente



Fonte: Arquivo visual da Vila Escola.

Ao longo de quatro anos o Projeto de gente funcionou basicamente nos contra turno das escolas, chegando a trabalhar com 80 crianças e jovens por dias, 40 na parte da manhã, e 40 na parte da tarde.

Em 2011, devido algumas constatações sobre o projeto – como fluabilidade das crianças envolvidas, falta de costume em ser ouvidos e participarem tomando decisões, entre outras – foi proposta uma reorganização do Projeto, passando-se a assumir como. Esta proposta acarretou e acarreta muitas mudanças, exigências e dificuldades. Dentre elas a dificuldade de conseguir, oficialmente, o título de escola perante o Estado e o Ministério da Educação.

Ainda que a legalização como escola encontra-se em tramitação a Vila Escola Projeto de Gente vem funcionando desde então em um espaço cedido por uma pousada em Cumuruxatiba, espaço no qual durante o ano funciona a Vila Escola e durante o verão é reservada ao turismo. O espaço possui 3 salas com 3 banheiros, uma cozinha e um espaço aberto com uma colina, e o local destinado ao estacionamento da pousada foi transformado em uma “quadra” de esportes. Em uma das salas fica localizada a biblioteca e um espaço de leitura, na outra estão localizados os armários das crianças com os jogos de tabuleiro. E na outra ficam os materiais didáticos e artísticos.

A Vila Escola funciona atualmente de segunda a sexta feira, no horário das 13 até às 17 horas. Há 24 crianças de 6 a 13 anos matriculadas, sendo que todas elas estudam também na escola tradicional. Em relação aos educadores, existem 4 que trabalham durante toda a semana. Ademais existem outros professores voluntários de oficinas específicas.

1.3. ESTRUTURA DO TRABALHO

Este artigo está estruturado em dois capítulos. O primeiro com um perfil mais teórico busca contextualizar analítica e historicamente a educação “libertária”, assim como sua relação com o pensamento anarquista e com a educação tradicional.

No segundo capítulo realiza-se uma comparação entre o modelo da escola tradicional e o caso específico da “Vila Escola Projeto de Gente”, usando como base da análise os princípios da pedagogia libertária apresentados no primeiro capítulo. Para desenvolver essa análise apresenta-se um quadro comparativo que usa como eixo vertical os campos de conhecimento, poder, e gestão.

As fontes de dados desta pesquisa foram as seguintes:

Análise bibliográfica usada principalmente na contextualização da educação libertária no contexto do pensamento anarquista.

Análise de documentos escritos e audiovisuais da Vila Escola Projeto de Gente cedidos pela própria Vila Escola, e compartilhados no seu blog (<http://www.vila-escolaprojetodegente.com.br/>).

Conversas informais cotidianas com as crianças, educadores, pais de família, voluntários e colaboradores da Vila Escola entre os anos de 2012 e 2013.

2. EDUCAÇÃO TRADICIONAL E EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA

A palavra Educação vem do latim e pode ser dividida em *educare*, que significa alimentar, criar e *educere* que é produzir, modificar (SANTOS, s/d: p.3). Este é um processo que se inicia desde que nascemos, e é um dos principais modos a partir do qual incorporamos técnicas e atitudes, assim como normas, a moral e a cultura da sociedade em que estamos inseridos, ou seja, ela é criadora de costumes nos sujeitos. Podemos pensar também na educação como um processo que visa à totalidade do homem, seu pleno desenvolvimento (GILES, 1983: p.27). Sendo o homem um sujeito social, a educação pode ser vista como um processo de individuação e integração, unindo singularidade individual com unidade social. Para Herbert Read educar seria oferecer condições para que cada um se descubra enquanto indivíduo livre e ser social (HERBERT READ apud GALLO 1995, p.36).

A Educação tem sido uma prática encontrada em toda a história dos homens, formalizada e institucionalizada a partir da Idade Média apenas. Nas comunidades tribais, por exemplo, não havia um espaço formal de educação, conforme Aranha (1996, p.27), as crianças aprendiam imitando os gestos dos adultos nas atividades diárias e nas cerimônias dos rituais, e assim a formação era integral e universal. Conforme as sociedades foram se desenvolvendo, a educação ganhou forma e se foi institucionalizando, de modo a ser privilégio para alguns grupos e um modo eficiente de exclusão para a maioria dos outros.

Em sociedades escravistas clássicas como Grécia e Roma, apesar de não existirem espaços formalizados para a educação, existiam alguns destinados à educação física e ao desenvolvimento das faculdades consideradas espirituais. Entretanto inexistiam instituições destinadas ao ensino de ofícios, pois o trabalho manual era desvalorizado, considerado como tarefa subalterna. Desta forma, de acordo com Tonet a questão do trabalho, da transformação da natureza, era deixada de lado, pois eram as tarefas dos escravos (TONET, 2006, p. 2).

A escola nasce enquanto instituição durante a Idade Média, com o predomínio do ensino religioso levado à cabo principalmente pela igreja católica. O ensino relacionado às técnicas de produção estava destinado às corporações de ofício Foi apenas no período Renascentista, com o humanismo e o florescimento da ciência baseados em um novo ideal de homem ancorado na razão, que o debate pedagógico começou a ganhar corpo (ARANHA, 1996, p.30).

A influência do Estado nas questões da educação começou se destacar a partir do século dezoito, concomitante com a idéia do desenvolvimento de sistemas nacionais de educação, ligados aos processos político-sociais de consolidação dos Estados nacionais europeus, instâncias que culminaram com o sistema de instrução pública instalado com a Revolução Francesa e que se estendeu depois pelo mundo.

É neste processo de formação dos Estados Nacionais, conjugado com as revoluções industriais e a consolidação do capitalismo, que a ideia de educação e de formação humana sofre uma profunda transformação, passando de uma função da igreja ou de grupos privados para o âmbito público, e de total interesse do nascente Estado burguês.

A educação pública ganhou força de acordo com as necessidades do novo modo de produção social associado ao capital. A partir da crescente necessidade de trabalhadores aptos ao novo regime produtivo, foi fundamental formar uma massa de trabalhadores aptos a manusear as máquinas. Com a maior separação entre trabalho manual e intelectual, e com a nova forma trabalho (o trabalhador livre e assalariado), o trabalho destinado à produção de mercadorias ganha cada vez mais destaque e torna-se de vital importância para a sua reprodução a educação pública, científica e universal. O lugar desta reprodução, pela via educacional, é a escola.

É fácil perceber que a educação reflete o tipo de sociedade estabelecida, assim como a sociedade que se quer estabelecer. Existe uma educação oficial, institucionalizada, que procura reproduzir as relações já estabelecidas formando um ser parcial comprometido com princípios definidos a priori e exteriores a ele (BAKUNIN apud GALLO, 1996, p.4). Mas existe também a possibilidade de uma educação que pode ter objetivos que visam transformar a sociedade capitalista.

Dentro do campo da educação, o pensamento anarquista foi colocado à margem, ocorrendo o que Silvio Gallo chama de “esquecimento histórico”, como resultado de um processo de perseguição pelos aparelhos de Estado (GALLO, 1996). Existe uma dificuldade também na sistematização da filosofia anarquista, sendo eles opostos a toda forma de dogmatismo. Para os anarquistas, a educação deve cumprir um papel fundamental na construção da sociedade sem Estado e sem classes sociais.

Segundo Gallo (1996) antes mesmo de Louis Althusser alguns pensadores anarquistas como Pierre Joseph Proudhon, Michael Bakunin,

PiotrKropotkin, Francisco Férrer i Guardiajá denunciavam o caráter ideológico da educação do Estado, conforme expresso abaixo:

“A chave dessa educação burguesa é o preconceito. O Estado, exatamente pelo mesmo processo usado com os soldados, vai gravando, a força de repetições, sem demonstrações ou com argumentos falsos, certas idéias capitais, favoráveis ao regime burguês, no cérebro das crianças, dos adolescentes, dos adultos [...] embate no espírito infantil os chamados deveres cívicos: obediência às instituições, obediência às leis, obediência aos superiores hierárquicos, reconhecimento da propriedade particular, intangibilidade dos direitos adquiridos, amor da pátria até o sacrifício da vida, culto à bandeira, exercício do voto, necessidade dos parlamentos, tribunais, força armada [...]”(GALLO apud OTICICA, 1998, p. 114)

Para o pensamento anarquista as escolas dedicam-se a “reproduzir a estrutura da sociedade de exploração e dominação, ensinando os alunos a ocuparem seus lugares sociais pré-determinados” (GALLO, 1998, p.60) e faz isso através de um sistema autoritário.

Pode-se afirma que a escola é um das principais instituições responsáveis pela naturalização da dominação contemporânea. Neste sentido, Tassinari atribui

"à experiência escolar que todos experimentamos a construção de um modelo impensado de 'normalidade' relacionado a certa forma de ensino e aprendizagem e à consequente obliteração de quaisquer outras formas que fujam a esse modelo" (TASSINARI, 2008, p. 162).

Contrário a esse modelo de normalidade, o pensamento anarquista defende uma educação não autoritária, autogerida, que possibilite a emancipação e respeito ao indivíduo e que tenha como fim a liberdade. Esse educar numa perspectiva anarquista ou libertária visa à formação integral dos indivíduos. Os anarquistas defendem que “cada homem tem o direito, quaisquer que sejam as circunstâncias de seu nascimento, de desenvolver, da forma mais completa possível, todas as faculdades físicas e intelectuais” (GALLO, 1996, p. 32).

A Pedagogia Libertária nasce junto ao pensamento anarquista, e suas experiências estão diretamente ligadas ao movimento operário do século XIX e XX (GALLO, 1996), porém hoje, esse debate não necessariamente significa sair da esfera do ensino para outros setores da vida política e social e, algumas experiências libertárias não necessariamente têm relação direta com o movimento anarquista (LIPIANSKY, 2007: p. 13).

2.1 A EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA: CONCEITUALIZAÇÃO E HISTÓRICO.

Na história da Educação e da Pedagogia, poucas referências ao pensamento anarquista são encontradas, apesar de, segundo Gallo, “consideráveis práticas pedagógicas libertárias terem ocorrido em determinados meios sociais atrelados ao movimento operário” (GALLO, 1995, p.13).

Para Gallo, “A Educação Anarquista ou Pedagogia Libertária inscreve-se no contexto das teorias modernas da educação”, porém não deve ser confundida com o movimento da Escola Nova (1996, p.1). O ideal libertário na Educação nasce e fecunda-se juntamente ao movimento anarquista em meados do século XIX, pois estes consideravam fundamental o papel da Educação para a transformação da sociedade capitalista, que produz a alienação do homem. Dessa forma a educação deve ser instrumento para superar essa alienação, conforme nos aponta o autor ao afirmar que a educação libertária é o caminho para a superação e um importante passo na transformação dessa sociedade, pois pretende educar sem separar o trabalho manual do trabalho intelectual, desenvolver as faculdades intelectuais, e também as faculdades físicas e, além disso, trabalhar uma educação moral, uma formação para a vida social, uma educação para a vivência da liberdade individual em meio à liberdade de todos, da liberdade social (GALLO, 1997, p.2).

Para os libertários, não se constrói outra sociedade sem um processo educativo transformador,

Educar a pessoa para que ela seja o que realmente é. Consciente de si mesma, de suas singularidades, de suas diferenças e da importância dos seus relacionamentos com o grupo social para a construção coletiva da liberdade. (GALLO, 1995, pag. 36).

Na atualidade existem algumas experiências libertárias que possuem uma essência anarquista, porém sem se denominarem dessa forma. Aliás, essa sempre foi uma dificuldade de classificar até onde vai o anarquismo, por ser ele oposto a toda autoridade e a toda forma de dogmatismo (LIPIANSKY, 2007, p.13). Além de que a maioria dessas experiências foi perseguida pelo Estado que pretendeu acabar não só com as escolas, mas com sua memória, por serem idéias perigosas para o *status quo*, como reconhece Ferrer i Guàrdia:

Não tememos dizê-lo: queremos homens capazes de destruir, de renovar constantemente os meios e a si mesmos; homens cuja independência intelectual seja a força suprema, que jamais sujeitem-se a nada; dispostos sempre a aceitar o melhor, desejosos do triunfo das idéias novas e que aspirem a viver múltiplas vidas em uma única. A sociedade teme tais homens: não se pode, pois, esperar que queira jamais uma educação capaz de produzi-los. (FERRER I GUARDIA apud GALLO, 1996).

Um dos princípios fundamentais da pedagogia libertária é a educação integral, que considera que o indivíduo deve estimular não só as capacidades intelectuais mais também as capacidades físicas, de maneira que essas duas capacidades sejam valorizadas da mesma forma. Muita da proposta de educação integral dos pensadores libertários esta vinculada a crítica à sociedade de classes pautada na divisão social do trabalho, para tanto propõe a não divisão das faculdades físicas e intelectuais, conforme nos aponta:

À divisão da sociedade entre trabalhadores intelectuais e trabalhadores manuais contrapomos a união de ambos os tipos de atividade; e, em vez de sermos pelo ensino profissional, que subentende a manutenção da atual divisão entre o trabalho intelectual e trabalho manual, somos pela *educationintégrale*, ou instrução completa, que implica no desaparecimento de tal distinção nociva. (KROPOTIKIN apud CODELLO, 2007, pag. 154)

Essa idéia moderna de Educação Integral “nasceu do sentimento profundo de igualdade e do direito que cada homem tem de desenvolver, da forma mais completa possível todas as faculdades físicas e intelectuais” (GALLO, 1998, artigo p 1). Esse tipo de Educação considera que deve ser estimulado no indivíduo não apenas as capacidades intelectuais, mas as capacidades físicas. Para os anarquistas, essas duas capacidades devem ser valorizadas da mesma forma. Ainda sobre essa questão o pensador anarquista completa: “A cada individuo deve ser deixada toda a liberdade de ação, afim de que possa desenvolver todas as suas capacidades naturais, próprias da sua individualidade” (GALLO, 1998, artigo, p. 138). Se considerarmos, conforme apontado, que na sociedade desigual em que vivemos, sob a égide do capitalismo, nem todos podem desenvolver-se plenamente, a educação integral deve assumir necessariamente uma postura de transformação e não de manutenção desta sociedade.

A Autogestão é outro princípio chave na construção do pensamento libertário. Ela implica na necessidade de que todos os envolvidos em determinado espaço (seja uma escola, um bairro, uma comunidade, uma fábrica) participem conjuntamente na construção da auto-organização desse espaço. Assim, a gerência é responsabilidade única e exclusiva dos indivíduos que a compõem. Para os anarquistas, com a autogestão busca-se a construção de uma sociedade sem Estado, ou pelo menos numa sociedade na qual o Estado não esteja organicamente separado dela, como uma instância político-administrativa heterônoma (GALLO, ANO, p. 1996).

A autogestão no âmbito da escola envolve a auto-organização dos estudos por parte do grupo, incluindo crianças e educadores. Respeita-se assim, o tempo e a demanda do aprendizado de cada indivíduo, e o próprio educando passa a ser ativo na construção do conhecimento que será aprendido.

O processo educativo pedagógico centra-se no educando, com pleno respeito aos estágios do seu desenvolvimento e o estímulo para que ele tome o próprio destino em suas mãos. O educando não é tratado como objeto (meio), mas enquanto sujeito e fim em si mesmo. (SILVA. A. O, Pedagogia Libertária e Pedagogia Crítica, 2004, artigo p. 2).

Nesse tipo de gestão todos participam das decisões importantes e da manutenção e organização do espaço. Porém, não são apenas os

anarquistas que falam da autogestão pedagógica. Algumas experiências se utilizam dessa prática como, por exemplo, Summer Hill na Inglaterra o próprio "escolanovismo" mais liberal (GALLO, 1996).

Mas o que diferencia a perspectiva libertária das outras tendências é que essas outras experiências se utilizam da autogestão como um meio, enquanto a perspectiva libertária a toma por um fim ou, como afirma Codello, essa primeira tendência à autogestão é tomada como metodologia de ensino enquanto que na outra ela é assumida como o objetivo da ação pedagógica (CODELLO, 2007).

Uma Educação não autoritária é outro princípio que norteia a Educação libertária e está intimamente ligado ao princípio da autogestão. Nela o professor deve exercer a autoridade, e não o autoritarismo através do controle e da repressão ao indivíduo. “A educação não consiste em deixar a criança livre para que as potencialidades naturais aflorem, mas é um processo de construção coletiva da liberdade da autonomia, partindo

da autoridade do professor que organiza o grupo” (GALLO, 1996, pag. 172). Dessa forma o educador seria um mediador, um facilitador, alguém para auxiliar a criança no processo de aprendizagem.

Neste sentido, Noa explica que:

Una educación antiautoritaria pone al niño o al educando en el centro de la relación educativa, es decir, tiene un carácter paidocéntrico. La educación no debe pensarse más desde la autoridad del maestro, sino desde los intereses y la libertad del alumno. (NOA, 2006, p. 3)

Todos os princípios como autogestão, antiautoritarismo e educação integral estão relacionados entre si e com o conceito de Liberdade, que é essencial na construção de todo o ideal libertário. Foi partindo desse conceito que os filósofos anarquistas desenvolveram o seu pensamento de uma maneira geral, e em especial para a Educação. Esse conceito não é o mesmo para os diferentes pensadores anarquistas como Proudhon, Bakunin ou Kropotkin, mais em todos eles está presente a correlação entre liberdade individual e liberdade coletiva. Na realidade é neste ponto em que a filosofia e pedagogia libertária se diferenciam e distanciam daquelas propostas por alguns filósofos liberais, onde a liberdade é definida exclusivamente no âmbito individual e privado.

Quando se fala em liberdade na perspectiva da Educação Libertária, quer dizer um respeito à liberdade de toda a humanidade: ela só pode existir no momento em que todos os homens forem livres. Desse modo a liberdade deve estar presente na relação educador/criança como afirma Gallo:

Podemos dizer, acertadamente, que o objetivo primordial da educação anarquista é a liberdade, é formar indivíduos livres, conscientes, capazes de uma vida solidária em sociedade. Mas é também formar homens que lutem pela liberdade de todos, pois, como já vimos, a liberdade só pode adquirir sentido quando expressa coletivamente; um indivíduo só pode ser livre se todos os outros que compõe o coletivo social também o forem. (GALLO, 1996, pág. 31).

A questão que se coloca seria a de educar pela liberdade ou para a liberdade, que é uma oposição presente nas idéias de Rousseau e Bakunin, pois se para Rousseau a liberdade é uma característica natural, a criança deve ser educada sem direcionamentos, já para Bakunin, sendo a liberdade uma característica social, a criança precisa ser educada no sentido da construção e conquista da liberdade (GALLO, 1995).

A proposta libertária de outra Educação diverge dessas outras correntes educacionais devido à postura política resultante da concepção antropológica que a sustenta (GALLO,1995). O pensamento anarquista aposta que ao assumir o homem como um ser complexo, integral, com direito à igualdade e à liberdade, levaria necessariamente a um confronto político com a sociedade capitalista, que funciona através da alienação. Uma educação anarquista só pode ser a luta contra essa alienação, buscando formar o homem completo, ao mesmo tempo em que se confronta com o capitalismo, buscando estratégias políticas de transformação social.

É importante lembrar que para Bakunin existem limites para as escolas libertárias, pois ainda que apareçam experiências nesse sentido, ainda que “eduquem” homem em liberdade, ao sair da escola se encontra uma sociedade que é dirigida por princípios contrários a essa educação e, segundo ele, “a vida social invade as escolas, as vidas das famílias e de todos os indivíduos que dela fazem parte”. (BAKUNIN, 1979, p. 30).

Deste modo, além da busca por uma educação integral baseada nos princípios da autogestão e do antiautoritarismo, as práticas

pedagógicas libertárias tem como objetivo realizar uma ampliação do pensamento crítico dos envolvidos, posto que neste contraste destaca os problemas sociais do seu entorno, inclusive os problemas da escola tradicional:

Ao mesmo tempo que a educação anarquista buscava novos métodos pedagógicos condizentes com o projeto revolucionário, realizava a denúncia da escola enquanto instituição de reprodução dos interesses da Igreja e do Estado (KASSICK, 2004, p. 15-16).

Apesar das diferentes vertentes da pedagogia libertária, segundo Robin (apud GALLO, 1995) pode-se resumir o projeto pedagógico anarquista em duas fases denominadas de “período espontâneo” e “período dogmático”. A primeira tem como objetivo o ensino não-diretivo, incentivando a autodeterminação e autoestima do educando. Destina-se assim

[...] à criança como ser isolado, busca trabalhá-la em sua individualidade, para favorecer o desenvolvimento de suas diversas faculdades físicas, intelectuais, etc. Essa primeira fase da educação deve ser espontânea, pois a criança tem uma curiosidade insaciável e enorme capacidade de assimilação de informações, porém, sem uma ordenação lógica racional (GALLO, 1995a, p. 179).

Já na segunda fase existe a presença de um maior direcionamento sócio-político por parte do educador, no sentido de um aprendizado baseado em um compromisso moral e político, tendo em vista que o ideal de liberdade anarquista tem como foco não somente o indivíduo, mais sim a produção da liberdade coletiva. É nesta fase que também se inicia uma educação integral onde o trabalho intelectual e o trabalho manual se mesclam. No que tange à segundo, Gallo

[...] se continua por um lado a aquisição espontânea de conhecimentos, agora já com um ordenamento lógico-racional, inicia, por outro, a educação do ser coletivo, através de uma aprendizagem profissional politécnica que abre

seus horizontes para o mundo do trabalho (GALLO, 1995a, p.181).

A partir desta breve reflexão sobre a pedagogia libertária pode-se perceber que as ideias e princípios do anarquismo aplicados sobre o problema da educação tiveram (e ainda tem) uma grande influência na configuração da própria educação tradicional. Questões que hoje são colocadas em pauta nas diversas escolas, como a participação da comunidade escolar, a não-diretividade e a autonomia, são reflexos da forte presença do pensamento anarquista na história e na transformação da escola.

Concorda-se com Noa quando afirma que seu legado “não só se manifesta nas influencias do passado sobre o presente, mas ainda continuam existindo propostas e experiências atuais de educação libertária, talvez não suficientemente conhecidas”⁴ (NOA, 2006 p.1). É por este motivo que, sob a luz dos princípios da pedagogia libertária, se buscará analisar a seguir a Vila Escola Projeto de Gente.

⁴ No original “no se manifiesta sólo em las influencias del pasado sobre el presente, sino que también sigue habiendo propuestas y experiencias actuales de educación libertaria, quizás no suficientemente conocidas”

3. A VILA-ESCOLA PROJETO DE GENTE

Figura 5 - Crianças da vila Escola



Fonte: Arquivo visual da Vila Escola

Tendo como base os princípios da pedagogia libertária abordada acima, neste capítulo realiza-se uma comparação entre o modelo da escola tradicional e o caso específico da “Vila Escola Projeto de Gente”. Cabe destacar de antemão que se toma a escola tradicional de modo genérico, o que corresponde a dizer que as fontes dos dados foram coletadas tanto da revisão bibliográfica e do contato com a instituição, quanto da experiência pessoal e dos debates vivenciados enquanto educadora. Já os dados relativos à Vila Escola, foram consultados e vivenciados no próprio campo desta, *in locus*.

Tal relação será a abordada através de um quadro comparativo, construído como uma ferramenta de estudo que visa sintetizar alguns pontos. Nesta descrição será possível distinguir as diferenças e também as proximidades entre a escola tradicional e a Vila Escola.

O Eixo vertical deste quadro aborda os seguintes campos: o conhecimento; o poder; e a gestão. Em relação ao conhecimento, questiona-se o que é, quem o possui e como se transmite/constrói. No campo do poder é descrito quem toma as decisões e como se decide;

como se constitui a autoridade e como esta se apresenta nas relações entre os sujeitos envolvidos. O último apresenta a questão da gestão, ou seja, como se organiza a escola enquanto espaço e como acontece a gerencia dos recursos.

Quadro 1 - Quadro Comparativo.

Conhecimento	O que é/objetivo
	Quem possui
	Como se transmite/constrói
Poder	Quem e como se tomam as decisões
	Autoridade e relações entre sujeitos envolvidos
Gestão	Como se organiza cotidianamente (espaço)
	Como se gerencia os recursos

Fonte: Elaboração da autora

3.1 CONHECIMENTO

Na escola tradicional, de modo geral, pode-se definir o conhecimento como o conjunto de saberes e técnicas produzidos pela humanidade e acumulados na história da mesma. Entretanto, com o iluminismo, a divinização da razão e o posterior desenvolvimento da ciência, ocorre certa priorização das formas de conhecimento, com a hegemonia do conhecimento científico sobre as demais formas.

Neste sentido, é o conhecimento racional e científico que define e orienta todo o processo de ensino-aprendizado na escola tradicional, conforme pode ser notado nas chamadas “disciplinas” que, baseadas na divisão dos campos da ciência, formam as grades curriculares e definem os conteúdos a serem ministrados durante o ano letivo para cada turma.

Já na VILA ESCOLA, o conhecimento é entendido mais amplamente, de modo a combinar o conhecimento e as disciplinas científicas com outras formas de conhecimento não hegemônicas como, por exemplo, o conhecimento prático ou tradicional da comunidade local. Através da noção de educação integral, a VILA ESCOLA busca abarcar tanto o trabalho intelectual quanto o trabalho manual, de modo que o educando tenha possibilidade de desenvolver da forma mais completa todas as suas faculdades físicas e intelectuais. Além disso, existe uma busca por um modo mais afetivo e menos racionalizado de entender o próprio conhecimento.

Figura 6 - Aprendendo e conhecendo na vila Escola



Fonte: Arquivo visual da Vila Escola

Se na escola tradicional o conhecimento tem como fim a produção de sujeitos aptos à integração no mercado de trabalho, sujeitos conhecedores de técnicas aplicáveis principalmente em alguma profissão, na VILA ESCOLA o conhecimento tem como fim a produção de sujeitos aptos a se integrarem em suas comunidades, sujeitos “conhecedores de si mesmo”, conforme apontado na proposta político pedagógica.

O objetivo maior da VILA ESCOLA PROJETO DE GENTE é oferecer aos jovens condições para que se tornem cidadãos com conhecimento básico de diversas áreas do saber; e, além disto, conhecedores de si mesmos, capacitados a se manifestarem de acordo com este conhecimento, ao mesmo tempo atentos aos outros e amplamente responsáveis por suas ações. (VILA ESCOLA, s/d. p. 1)

Em relação ao sujeito do conhecimento, ou seja, quem possui o conhecimento, dentro do campo da escola tradicional existe uma figura

sobre a qual recai a máxima autoridade, qual seja o professor. Esta figura é a portadora do conhecimento e por isso responsável pela educação dos sujeitos não conhecedores, os alunos (do grego, aquele que não possui luz). O professor possui um título, legitimado e oficializado pelo estado, obtido pela frequência durante décadas na instituição escola (em seus diversos níveis: básico, médio e superior). Este título define e garante sua posição como sujeito do conhecimento, como o detentor do conhecimento científico hegemônico.

Sendo o conhecimento algo racional que alguém possui, deve existir um espaço para a transmissão deste conhecimento, e este espaço é a própria instituição escolar. As pessoas sem o conhecimento racional e científico devem frequentar este espaço desde pequenos para receber este conhecimento acumulado. Esta transmissão é realizada através da disciplinarização da cabeça do aluno, que deve repetir as tarefas de modo definido como correto, sob pena de ser constrangido. Este constrangimento é realizado de inúmeras maneiras como ridicularização em público, agressões morais e principalmente pela chamada “nota” de avaliação, através da qual é julgado como aprovado ou não.

A criação de conhecimento fica relegada, na instituição escolar tradicional, a níveis altos de escolarização, normalmente a pessoas mais velhas que já frequentaram durante muito tempo a instituição. Aos próprios professores dos níveis mais básicos da educação fica, de certo modo, negada a possibilidade de produção de conhecimento, cabendo a eles a tarefa tão somente de transmissão.

Figura 7 - Conhecimento para além das portas da Vila Escola



Fonte: Arquivo visual da Vila Escola.

Para a VILA ESCOLA, toda e qualquer pessoa possui conhecimento ou, em realidade, diversas formas e níveis de conhecimento. Esta escola busca valorizar o conhecimento prático que todo ser humano possui, ou seja,

O conhecimento que está na padaria, na cozinha do restaurante, na oficina de bicicleta, no posto de saúde, na pousada, no mercadinho, no bote do pescador, na roça, na aldeia pataxó, na biblioteca da vila, nas outras escolas, no cinema na praça, etc. Podemos imaginar uma bela rede de relações entre os mestres destes conhecimentos – pessoas comuns com as quais nos encontramos a todo momento – e os estudantes da escola. (VILA ESCOLA, s/d. p 4-5)

Sendo todo ser humano sujeito do conhecimento, os conhecimentos dos próprios estudantes da VILA ficam destacados, sendo considerados como ponto de partida para qualquer intervenção pedagógica. Neste sentido, mais que a transmissão de conhecimentos racionais e científicos, a VILA ESCOLA tem como objetivo a produção

de processo criativo, de trocas de conhecimento e perspectivas, realizados entre todos os estudantes e entre estes e os educadores, onde os diversos conhecimentos envolvidos em uma situação específica são expostos a todos não somente para sua reprodução, mais sim para a sua apreensão e recriação.

O processo de aprendizado se inicia com a valorização da cultura e dos conhecimentos dos estudantes e com suas inquietações. A partir delas, promove a interação com pessoas de diversas áreas e saberes, com o meio e seus recursos, possibilitando a construção de novos conceitos. Este caminho segue os interesses e escolhas dos estudantes, no qual o educador é orientador do processo, tendo em vista que as escolhas do presente se coloquem numa perspectiva da construção do projeto de vida. O papel do educador passa a ser, então, o de auxiliar os estudantes a descobrirem seus talentos, perseguirem seus interesses e realizarem seus projetos, oferecendo-lhes o suporte necessário como orientador desses processos. Com isso, o educador foca seu olhar e sua escuta nos interesses, ritmos, silêncios e demandas dos estudantes e em suas crescentes capacidades para se responsabilizarem por suas escolhas. (VILA ESCOLA, s/d. p 4)

Existe assim um respeito ao conhecimento de todos e de cada um e, principalmente, um respeito ao ritmo de aprendizado, apreensão e recriação de cada um. O conhecimento é, então, visto como um elemento central no processo de produção de si mesmo e do mundo a sua volta. Pode-se dizer, assim, que na Vila Escola existe um princípio de “diretividade coletiva” do processo de educação.

3.2 PODER

Na escola tradicional, apesar das diversas mudanças que vem acontecendo nos últimos anos em relação às formas de tomada de decisões, existe uma dura estrutura hierárquica burocrática onde as pessoas que ocupam os cargos mais altos (todos eles adultos) são os responsáveis pelas escolhas e decisões principais.

Existe assim uma escala de responsabilidades e de possibilidade de participação democrática na instituição escolar. Esta escala tem como nível mais baixo os estudantes e sobe lentamente abarcando os pais, logo os funcionários e professores, coordenadores pedagógicos, diretores e, acima de toda estrutura, encontra-se o próprio Estado que, através do poder burocrático que confere a si mesmo, acaba por interferir decisivamente no trabalho realizado dentro da escola.

Na escola tradicional, ao educando é reservado um lugar de subordinação. A escola, assim como a família tradicional, é uma dos primeiros espaços onde as novas gerações aprendem obediência à autoridade imposta desde seu exterior. Sousa afirma que “nas instituições modernas, os jovens adquirem um status de indefinição e de subordinação – ali são preparados, são formados, são castigados, fazem-nos refluir e, poucas vezes, são reconhecidos como outro” (SOUSA, 2006 p. 17). Isso pode ser percebido inclusive ao nível estético da escola, onde é comum encontrarmos em uma estrutura com portas, portões e grades, salas divididas por série e idade, carteiras enfileiradas, professores autoritários, grades curriculares descontextualizadas, etc.

Através desta estrutura vertical, de cima para baixo, são decididos praticamente todos os aspectos que regem a vida cotidiana da escola como: os conteúdos a serem estudados, os temas a serem abordados e a metodologia de pesquisa dos mesmos; a gestão e manutenção do espaço físico, incluindo aqui a entrada e saída de cada sujeito; a gestão dos recursos físicos e financeiros da instituição.

Já na VILA ESCOLA existe uma busca por uma real participação e democratização da instituição escolar. Esta é realizada de forma horizontal onde todos integrantes da comunidade escolar possuem a mesma possibilidade de participação e o mesmo poder de voto.

Ao longo da elaboração deste projeto, descobriu-se a estrutura pedagógica que se revelou, para nós, como a mais afinada com as nossas ideias: as Escolas Democráticas ou a Pedagogia Libertária. Esta estrutura é, basicamente, definida por duas características principais:

- 1- A constituição de assembleias abertas a todos os participantes da comunidade escolar, onde são discutidos, livremente, temas de interesse da escola e sua gestão, rotinas e questões pedagógicas, sendo o voto um direito de todos, sem distinção de idade, cargo ou função;

2- A liberdade que o estudante encontra em optar por seu próprio percurso de aprendizagem, de acordo com seus interesses e paixões. (VILA ESCOLA, s/d. 3)

A roda, ou assembleias, acontecem uma vez por semana, nas segundas feiras, onde crianças, educadores e funcionários discutem o andamento da vila escola, propõe atividades, organizam eventos, refletem sobre dificuldades do dia a dia e decidem, em conjunto, os encaminhamentos a serem realizados. Nestas são também destacadas os problemas entre as crianças, entre crianças e adultos, assim como entre os adultos. É na roda que se busca desenvolver o exercício de responsabilidades sobre as nossas escolhas, de compromisso com os nossos combinados e decisões. É a partir da roda que todos (desde as crianças até os adultos) vão aprendendo que são de vital importância para a própria continuidade da escola, compreendendo que são ativos na construção do conhecimento e do espaço comum.

É participando dessas decisões que se aprende: a questionar; a desenvolver argumentações e o espírito crítico para ceder ou convencer, ouvindo-se distintas opiniões; a compartilhar decisões e responsabilidades; a exercitar a capacidade de tolerância, buscando consensos possíveis e desejáveis para o “bem-comum” (VILA ESCOLA, s/d. p. 3)

Neste sentido, da democratização da escola, a VILA ESCOLA se destaca por abrir a possibilidade de participação, agência e responsabilidade para os estudantes participantes, de modo que todos podem e devem aportar com seus interesses e conhecimentos para definir as temáticas que serão estudadas. Assim, o processo de ensino-aprendizagem parte tanto do interesse do educador quanto do interesse do aluno.

Em relação às disciplinas estudadas, estas não existem como na escola tradicional, pois o trabalho é feito a partir de “projetos de saber”, as oficinas ministradas na escola.

Os projetos de saber funcionam a partir da proposta de algum tema para estudo, seja esta feita por parte das crianças, seja por parte dos educadores. Definido a temática, alguém que se sente mais a vontade para moderar o estudo é escolhido como “mestre” deste projeto e em conjunto com os outros interessados pela temática definem os conteúdos

a serem estudados e abordados, incluindo aqui os campos do conhecimento científicos e o conhecimento tradicional e prático da comunidade.

É importante ressaltar que ninguém é obrigado a nada na vila escola, cada sujeito (criança ou adulto) escolhe livremente qual atividade ou projeto vai participar. Porém, a partir do momento em que é decidida a participação em algo, se busca manter firme o comprometimento com o grupo e com a atividade. Outro ponto importante é o combinado de que nenhuma atividade pode atrapalhar a outra, portanto se duas atividades estão acontecendo ao mesmo tempo, todos devem estar atentos para não atrapalhar ou interferir na outra atividade, criando assim um clima de cumplicidade, responsabilidade e respeito.

A seguir descrevemos brevemente os Projetos de Saber que existem atualmente na VILA ESCOLA.

Capoeira

As aulas de capoeira acontecem uma vez por semana e são tutoradas por um educador que as ministra voluntariamente. Neste projeto, aprendem-se os movimentos da capoeira, estudam-se os ritmos da capoeira, do maculelê e do samba de roda, aprende-se a tocar pandeiro, berimbau e atabaque, e todo final das aulas realiza-se uma pequena roda de capoeira. O educador também trabalha com as crianças temas como a história da escravidão, do preconceito e da cultura afro. De tempos em tempos fazem-se apresentações de capoeira para a comunidade, em eventos, ou nos saraus organizados pela Vila-Escola.

Figura 8 - Crianças da Vila Escola jogando Capoeira com Curumim tocando



Fonte: Arquivo visual da Vila Escola

Artesanato

Um dos educadores da Vila-Escola, nativo de Cumuruxatiba e que tem muitas habilidades manuais, apresentou um projeto para as crianças de artesanato. Nesse projeto as crianças produzem pipas feitas com bambu, trançados com a palha do coqueiro, mosaico, trabalho com argila (que é abundante na região), luminárias com a talisca⁵. Um dos principais objetivos deste projeto é utilizar apenas material que pode ser encontrado na natureza e na região, além de desenvolver a coordenação fina e grossa das crianças e despertar sua criatividade.

Culinária Primitiva

Essa oficina foi proposta por Dolores, uma Angolana que mora em Cumuruxatiba. A aula acontece na sua casa que tem um amplo terreno com muitas árvores e um fogão a lenha. A ideia é que ela em conjunto com as crianças façam uma fogueira e nela esquematizem um fogãozinho. Em cada oficina a Dolores escolhe um prato diferente para

eles fazerem, a partir do prato escolhido, ela conta a história da onde veio esse prato conta um pouco sobre o lugar onde ele foi inventado. Depois de todos juntos fazerem a comida todos juntos comem. Na última oficina realizada, Dolores fez Munguzã, um prato angolano que no Brasil é mais conhecido como canjica, ela contou um pouco sobre seu país, sobre a guerra de Angola, fez um paralelo com a sua própria história de vida, pois saiu de Angola no meio da guerra, e se perdeu de toda sua família. As crianças foram fazendo perguntas, sobre o que tinham interesse em saber. Este é um bom exemplo da forma em que as crianças da Vila Escola acessam e compartilham informações com a sociedade em geral. A Vila Escola vale-se do conhecimento e da história das pessoas diversas que moram em Cumuruxatiba, que como livros viventes ajudam de uma forma prática e divertida às crianças e educadores a conhecer e aprender sobre os mais diversos temas.

Fanzine

Este projeto surgiu na Vila-Escola como iniciativa de uma jornalista visitante amiga de um dos educadores. Ela fez cinco dias de oficina de produção de fanzine com as crianças e os educadores, explicando o que é um fanzine, como ele surgiu, do onde ele veio e etc. As crianças produziram um primeiro fanzine junto com a jornalista, e depois se construíram vários outros. A jornalista é até hoje parceira a distância na produção dos fanzines da vila-escola (foi intitulada de: editora-chefe-esteja-onde-estiver). Os temas dos fanzines são variados e são sempre escolhidos pelas crianças, eles também são os que desenham, criam e escrevem. Há sempre nos fanzines da vila escola, uma entrevista, desenhos e histórias em quadrinhos. Através do Fanzine as crianças e os educadores compartilham os seus interesses e aprendizagens com a comunidade da vila de Cumuruxatiba, além de aprender, praticar e melhorar suas habilidades escritas e artísticas.

Mitologia

O projeto de saber de mitologia iniciou quando as crianças junto de um educador estudaram um pouco sobre como surgiu a mitologia. A partir disso mergulhou-se no universo da história e da geografia, conhecendo um pouco da Grécia onde ela estava; localizada, de quais países ela fica perto, como foi que ela surgiu e se desenvolveu como Grécia, e como a mitologia nasceu no meio disso tudo. Após esse passeio, as crianças decidiram estudar um mito de cada vez, o primeiro

foi o mito do Faetonte. Uma das ideias da Vila-Escola é que cada projeto de saber encerre com um trabalho artístico, nesse caso, do mito do Faetonte, as crianças fizeram desenhos que expressassem a história do mito, ao final, eles fizeram um vídeo com as fotografias dos desenhos, colocaram musica e foram fazendo um texto contando um pouco do mito conforme apareciam as imagens. Atualmente estão estudando o Mito do Édipo.

Projeto Aventura

O projeto aventura foi proposto por uma das crianças considerando que no terreno da Vila Escola há uma falésia onde as crianças adoram subir e explorar, porem a falésia era muito íngreme, e começou a ficar perigoso. Assim foi proposto que os educadores acompanhassem as crianças e descobrir uma maneira de desenvolver uma atividade naquele espaço, mas foi percebido que não havia muitas condições seguras ali. Porém as crianças queriam aventuras, foi então que decidiram criar o projeto aventura, para além dos portões da Vila Escola. Cada semana as crianças junto dos educadores vão explorar algum lugar de Cumuruxatiba, lugares onde elas possam aprender e se aventurar ao mesmo tempo. O ultimo lugar que elas foram foi na aldeia pataxó, que fica a 6 quilômetros da Escola. Todas as crianças e educadores foram de bicicleta, por lá eles tiveram a oportunidade de conhecer a aldeia, tomar banho de rio, conviver e conhecer um pouco da cultura Pataxó e como algumas crianças da Vila Escola são e moram na aldeia elas foram as principais guias que apresentaram o lugar para os demais.

Sistema solar

Este projeto partiu do interesse de um grupo de crianças que queria saber mais sobre o assunto. Então elas junto com o educador, combinaram o dia e o horário de se encontrar para estudarem. O educador ali teve o papel de facilitar o conhecimento sobre determinado assunto, trazendo livros, propondo questões, facilitando a compreensão. Foram estudados os planetas, as estrelas, o Sol, as distâncias, as noções de proporção de cada planeta com relação ao Sol. O projeto teve como síntese a construção de uma maquete do Sistema Solar, que ficou pendurada em uma das salas da Vila-Escola.

Música (flauta doce: aulas práticas e técnicas, leituras de partituras)

Figura 9 - Aula de Flauta



Fonte: Arquivo visual da Vila Escola

Nota: Educadores e crianças aprendendo juntos.

As aulas de música são tutoradas por um educador que sempre esteve envolvido com a cultura popular, na Vila escola ele ensina a flauta doce e partitura. Nessas aulas os alunos junto com os educadores desenvolvem técnicas nas flautas, aprendem a tocar varias músicas e estão aprendendo a ler partituras. As crianças de Cumuruxatiba estão sendo estimuladas a ouvir os ritmos da indústria cultural, como arroxa, brega e em relação a esta situação o professor de música, busca apresentar um outro universo musical para as crianças onde elas possam ter contato com novos ritmos, descobrir que existe muito mais do que é apresentado para eles.

Cultura Pataxó

Várias crianças da Vila-Escola são indígenas, filhos de lideranças da etnia pataxós e muitos se identificam com a cultura indígena, devido a este contexto particular nasceu o Projeto de Cultura Pataxó em que se

realizam atividades como a produção de artesanias, estudo da língua, culinária, brincadeiras, história, lendas, uso de plantas medicinais, músicas e danças, também se realizam algumas festas temáticas, visitas às aldeias e conversas com lideranças.

Figura 10 - Cultura e arte Pataxó



Fonte: Arquivo visual da Vila Escola

A parte dos Projetos de Saber, a Vila Escola geralmente recebe oficinheiros e educadores de vários lugares do Brasil e do mundo ao longo do ano que vem como intuito de compartilhar experiências e conhecimentos. Durante o dia também ocorrem algumas atividades que são livres como: desenho e pintura, artesanato, jogos de tabuleiro, esporte, brincadeiras diversas, entre outras. Os estudantes também trazem trabalhos da escola tradicional e fazem seus deveres de casa, recebendo ajuda de seus colegas e dos educadores, pois a partir desses trabalhos busca-se desenvolver um aprendizado mais profundo sobre as temáticas estudadas na sala de aula da escola tradicional.

Tendo em vista estas diferenças, se na escola tradicional as relações estão mediadas pela ideia de autoridade “negativa” (autoridade esta baseada em títulos, cargos e funções), na Vila Escola as relações são mediadas pelas ideias de afetividade e de uma forma de autoridade

baseada no reconhecimento da sabedoria e personalidade de cada um, um tipo de autoridade “positiva” coletivamente construída e baseada em certa ética moral.

Somente com essa formação ética baseada em noções como respeito, cuidado e diversidade torna-se possível desenvolver pessoas com visões críticas e capazes de discernir e formar opiniões consequentes, capazes de aprender com a diferença, desenvolver talentos e explorar a diversidade de saberes. (VILA ESCOLA, s/d. 4).

3.3 GESTÃO

As escolas tradicionais, de modo geral, possuem um esquema de gestão racional burocrático. A organização, manutenção, limpeza e inclusive segurança do espaço da escola é realizado segundo funções específicas, por pessoas denominadas como “funcionários”. Estes funcionários são trabalhadores assalariados que cuidam basicamente de todo o espaço da escola, porém normalmente não possuem vínculos com o resto da comunidade escolar, a não ser enquanto prestadores de serviço.

Devido esta estrutura hierárquica burocrática, onde a distância em relação aos cargos mais altos define a função de cada um e a quem deve subordinação e prestação de contas, existe na escola tradicional um clima de vigilância e cobrança, que perpassa por todas as relações que acontecem no seu espaço físico.

No intuito de romper com este circuito piramidal de poder, a Vila Escola adota uma forma de autogestão democrática. Em relação às atividades necessárias para a organização e manutenção do espaço físico da Vila, estas são realizadas através de Grupos de Responsabilidade onde os membros da comunidade escolar (estudantes e educadores) se candidatam para, durante certo período de tempo, se responsabilizar por tal ou qual atividade de gestão do espaço físico.

As tarefas administrativas e de manutenção da VILA ESCOLA PROJETO DE GENTE são de responsabilidade dos funcionários e são acompanhadas por membros da comunidade – estudantes, funcionários, educadores e pais – que se candidatam a participar de Grupos de Responsabilidade e são aprovados pela

Assembleia ou pelo Conselho, dependendo de sua finalidade, por certo período de tempo. Os Grupos de Responsabilidade, constituídos por crianças, educadores, mestres e funcionários, manterão em ordem determinados setores da escola (por exemplo: cozinha, limpeza básica, biblioteca, material artístico e esportivo, mural, etc.) (VILA ESCOLA, s/d .9).

Os grupos de responsabilidade, uma vez definidos os seus objetivos e conformados pelos candidatos, funcionam de forma autônoma e cooperativada com os outros grupos. Esta forma de organização horizontal rotativa auxilia, ainda, no desenvolvimento físico e intelectual de cada um dos integrantes, visto que se tornam responsáveis pelo compromisso assumido e, depois de um período de tempo, poderão participar de outro grupo de responsabilidade. Assim, todos os integrantes da comunidade escolar tem a possibilidade de conhecer as rotinas, tarefas e atividades necessárias para a manutenção, organização e continuidade da Vila Escola. Esta estrutura organizacional implica, portanto, na

[...] rotatividade das funções e atribuições e a constante construção da autonomia. Todos – estudantes, educadores e funcionários - devem participar de diversas comissões para desenvolverem uma ampla gama de habilidades, experimentarem diferentes posições administrativas e, conseqüentemente, potencializarem sua criatividade. Na experiência das diferentes posições administrativas, as pessoas se conscientizam dos diversos aspectos envolvidos nas decisões e, assim, têm condições de adotar condutas mais responsáveis. (VILA ESCOLA, s/d. p.8)

Em comparação com a estrutura organizacional da escola tradicional, a Vila Escola apresenta uma forma mais circular “onde todos estão a uma equidistância do centro de poder” (VILA ESCOLA, s/d p. 8), superando de diversos modos a estrutura piramidal baseada no poder racional burocrático devido a possibilidade de participação de todos os envolvidos e do maior acesso as informações, acontecimentos e decisões, o que leva a um crescente envolvimento e responsabilização,

por parte de toda comunidade escolar, sobre o funcionamento e a continuidade da Vila.

Conforme descrito anteriormente, as decisões relacionadas ao dia a dia e também as que envolvem o planejamento, ações e projetos pedagógicos são tomadas através da Assembleia Escolar. Esta instância define os rumos da Vila Escola baseando-se no princípio de participação livre e igualitária de todos integrantes da comunidade escolar, de modo que todos participantes possuem o mesmo direito de voz e de voto. Esta instância se define da seguinte forma:

a) Assembleia Escolar

Composta por todos os educadores, funcionários e estudantes que queiram participar, é responsável pela administração cotidiana da escola: desembolso de recursos, processos de seleção e desligamento de pessoas da equipe escolar, elaboração de regras de convivência e de utilização do espaço comum, criação e manutenção das comissões e elaboração do Plano Escolar anual. (VILA ESCOLA, s/d p.9)

Outro ponto importante de se destacar é sobre o gerenciamento dos recursos financeiros. A escola tradicional, seja pública ou privada, possui um pressuposto contabilizado para a contratação dos serviços necessários à sua manutenção e organização física, pagamento de funcionários, etc. Estes recursos são provenientes na sua maior parte do Estado, de alguma associação ligada à escola ou, no caso das escolas privadas, do pagamento de mensalidades por parte das famílias dos estudantes.

Existe na escola tradicional um modo de prestação de contas característico do mundo empresarial onde os recursos são calculados e divididos em rubricas específicas e seu uso deve ser controlado contabilisticamente. Devido uma estrutura burocrática, acaba sendo muito difícil o remanejamento dos recursos sobranes para outras atividades não programadas. Neste modelo de gerenciamento, somente as pessoas que ocupam os mais altos cargos e funções têm a possibilidade de opinar e decidir sobre o melhor uso dos recursos.

Os recursos com os quais a Vila Escola se mantém são provenientes da Associação Projeto de Gente – uma organização sem fins lucrativos “formada por pessoas interessadas na promoção da cultura, educação, ética, paz, cidadania, democracia, desenvolvimento econômico e social e direitos humanos” (VILA ESCOLA, s/d.7) – de

doações feitas por pessoas físicas e jurídicas e de campanhas de captação de recursos, como a campanha do 1% realizada por duas pousadas locais onde é apresentado aos hóspedes a Vila Escola e estes convidados a doarem 1% do total de suas contas para o projeto. Atualmente a Vila Escola possui um orçamento mensal médio de dois mil reais (R\$ 2000).

Por possuir uma forma de prestação de contas mais flexível do que a estrutura burocrática presente na escola tradicional, a Vila tem uma maior margem de ação relacionada ao uso dos recursos financeiros. Esta flexibilidade possibilita, entre outras coisas, o fortalecimento do princípio da autogestão e da participação democrática ao colocar em debate, entre todos os integrantes da comunidade escolar, o direcionamento dos recursos financeiros.

As decisões sobre o que fazer com os recursos financeiros existentes são, na Vila, realizadas horizontalmente com a participação de todos os interessados. Questões referentes, por exemplo, à contratação de educadores e o salário pago a eles, a compra de materiais e a realização de atividades, entre outros, são debatidas nas instâncias de decisão e definidas coletivamente.

Além disso, devido a sua estrutura organizacional horizontal existe sempre a possibilidade de reversibilidade das decisões tomadas. Toda ação, plano, rumo ou atividade decidida pode ser objeto de reavaliação e redirecionamento: “as decisões são sempre passíveis de revisão e retificação desde que a comunidade tenha considerado relevante rediscuti-las. Dessa forma, as regras não se convertem em dogmas, mas são compreendidas como construções coletivas pelo bem comum” (VILA ESCOLA, s/d. p. 8).

O quadro a seguir apresenta em síntese os pontos principais que foram discutidos ao longo deste capítulo e que diferenciam a Vila Escola do modelo da escola tradicional

Quadro 2 – Síntese analítica

		TRADICIONAL	VILA ESCOLA
Conhecimento	O que é/objetivo	Divide trabalho/faculdades físicas e intelectuais Tem como objetivo a dominação da realidade	Combina trabalho/faculdades físicas e intelectuais. Tem como objetivo a transformação da realidade.
	Quem possui	O que possui mais títulos, cargo e idade.	Todos.
	Como se transmite/constrói	Diretividade.	Diretividade coletiva.
Poder	Quem e como se tomam as decisões	De cima para baixo.	Através de assembleias entre toda a comunidade, com igualdade de voz e voto.
	Autoridade e relações entre sujeitos envolvidos	Definida através de cargos e títulos. Relações de autoridade “negativa”.	Definida de forma afetiva e por meio do reconhecimento comunitário.
Gestão	Como se organiza cotidianamente (espaço)	Organização segmentada por cargos e realizada por funcionários.	Organização coletiva, realizada por todos através da divisão e circulação das tarefas.
	Como se gerenciam os recursos	De cima para baixo, sob um modelo contabilístico.	Coletivamente nas instâncias de decisão, com a possibilidade de reversibilidade e reorientação.

Fonte: Elaborado pela autora.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo foi um exercício analítico de realizar uma comparação entre a Vila Escola e a escola tradicional, tomada como um modelo genérico. Esta diferenciação entre as duas permitiu descrever uma experiência de educação baseada nos princípios da pedagogia libertária. Ao se fundamentar nos princípios do antiautoritarismo, educação integral e autogestão a Vila Escola produz um campo pedagógico diferenciado que se propõe enquanto alternativa ao modelo da escola tradicional.

Entretanto esta polarização deve ser também relativizada, no sentido em que existe uma forma de complementação e contradição entre a Vila Escola e as Escolas Locais de Cumuruxatiba. Complementação no sentido que, devido a não oficialização da Vila enquanto escola por parte do estado, todas as crianças que estudam na Vila-Escola estudam também na escola tradicional. Assim, mais que uma alternativa educativa, a Vila acaba por ser um espaço de educação e formação complementar à escola tradicional.

Outro ponto que merece ser destacado é a contradição entre a Vila Escola e a educação tradicional, tendo em vista que não são somente os estudantes da vila que estão em contato direto com a escola tradicional. Também todos os educadores e os pais dos estudantes foram formados pela escola tradicional. Esta formação, conforme já discutido, está interiorizada em toda a comunidade escolar da Vila, o que leva a necessidade de rompimento com a lógica escolar tradicional. Este rompimento é uma tarefa extremamente difícil, especialmente por que é essa a lógica pedagógica hegemônica que, de certo modo, acaba sendo “desejada” e reproduzida pelos pais, estudantes e educadores da Vila.

Esta contradição pode ser entendida também como uma complementação, tendo em vista que mesmo formados pela escola tradicional, os educadores, apoiadores, pais e estudantes buscam construir, no seu dia a dia, uma alternativa a esse modelo autoritário de educação através da construção de um projeto, um projeto de gente: a Vila Escola Projeto de Gente.

Porém não se trata só de pensar a Vila Escola como uma iniciativa complementar ou contraditória com a escola tradicional, também há diversas dificuldades que colocam em risco a permanência da Vila Escola. Primeiro por ela ter sido uma iniciativa que surgiu exteriormente (fora à comunidade de Cumuruxatiba) e apesar da interação e integração à comunidade a Vila continua mantendo uma

forte dependência a seus fundadores e à vontade e compromisso de umas quantas pessoas particulares, especialmente os atuais educadores.

A segunda dificuldade relaciona-se com descontinuidade dos recursos econômicos que possibilitam o funcionamento da Vila Escola. Ou seja, à própria dificuldade de se manter de forma autogestionada, pois até agora não há uma estratégia bem definida de autofinanciamento o que acarreta em uma dependência das doações particulares e do trabalho voluntário de algumas pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANHA, M.L.A. *História da Educação*. São Paulo: Moderna, 1996.
- BAKUNIN, Mikhail. *O socialismo libertário*. São Paulo: Global Editora, 1979. Global Editora.
- CODELLO, Francesco. “*A Boa Educação*” *Experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Godwin a Neill Volume 1: A Teoria*. São Paulo: Imaginário, 2007.
- GALLO, S. *Educação Anarquista: Um Paradigma para Hoje*. Piracicaba: Ed.Unimep, 1995.
- _____. *Pedagogia do Risco*. Experiências anarquistas em Educação. São Paulo: ed.Papirus, 1995.
- _____. *A Educação Pública como função do Estado*. Artigo publicado em Comunicações - Revista do Pós-Graduação em Educação da Unimep, 1998.
- GILES, T.R. *Filosofia da Educação*. São Paulo: EPU, 1983
- LIPIANSKY, E.M. *A Pedagogia Libertária*. Tradução: Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário, 2007.
- NOA, Cuevas, José. **La propuesta sociopolítica de lapedagogía libertaria**. Tierra de Fuego, Canarias 2006
- SANTOS, F.M. *O Currículo da Pedagogia Libertária: Articulação entre o formal e o não formal*. Artigo apresentado na UNIRIO, 2002.
- SOUSA, Janice. A sociedade vista pelas gerações. Apresentação do Dossiê. In: **Política & Sociedade**. N 8. Abril de 2006. p.09-29.
- TONET, I. *Educação e formação humana*. Disponível em <http://www.ivotonet.xpg.com.br/>. Maceió: 2006.
- VILA ESCOLA. Proposta político pedagógica da Vila Escola Projeto de Gente. s/d. 14 p. (disponível em <http://www.mediafire.com/?pva55zr1f935agp>)